

## OS VERDADEIROS BRASILEIROS, OS VERDADEIROS PAULISTAS: INDÍGENAS E MEIO AMBIENTE EM COUTO DE MAGALHÃES (1897)

Francisco Octávio Bittencourt de Sousa<sup>1</sup>

Resumo: No final dos oitocentos foram realizadas algumas conferências que reuniram pessoas letradas para discutir o legado jesuíta na colonização. Uma dessas pessoas era José Vieira Couto de Magalhães. Em conferência publicada em 1897, o autor teceu árduas críticas ao genocídio indígena, atribuindo aos colonos a culpa pelo massacre. Essas críticas marcaram uma mudança de postura de Couto de Magalhães, antes escritor do império e reservado a críticas pontuais a colonização, tendo o desaparecimento dos indígenas como algo natural. A partir do contexto do último quartel do século XIX, já na república, marcada por projetos de modernização e discussão sobre a composição da identidade brasileira, pretende-se realizar uma análise não só do conteúdo da obra, mas de sua estrutura, dos autores e da sua repercussão. Almeja-se, por fim, delimitar os aspectos da percepção ecológica de Couto de Magalhães na obra e os caminhos para a pesquisa que se abrem a partir dela.

Palavras-chave: Indígenas; Percepções Ecológicas; Colonização.

## THE REAL BRAZILIANS, THE REAL PAULISTAS: INDIGENOUS PEOPLES AND THE ENVIRONMENT IN COUTO DE MAGALHÃES (1897)

**Abstract:** At the end of the eight hundred, some conferences were held that brought together educated people to discuss the Jesuit legacy in colonization. One of these people was José Vieira Couto de Magalhães. In a conference published in 1897, the author made severe criticisms of the indigenous genocide, blaming the colonists for the massacre. This criticism marked a change in posture by Couto de Magalhães, formerly a writer of the empire and reserved for specific criticisms of colonization, taking the disappearance of the indigenous as something natural. From the context of the last quarter of the 19th century, marked by projects for modernization and discussion on the composition of Brazilian identity, we intend to carry out an analysis not only of the content of the work, but of its structure, the authors and its repercussion. Finally, it aims to delimit the aspects of Couto de Magalhães' ecological perception in the work and the paths for research that open up from it.

**Keyword:** Indigenous People; Ecological Perceptions; Colonization.

Graduando

Graduando em Ciências Sociais na Universidade de Brasília (<a href="http://lattes.cnpq.br/4432857212289289">http://lattes.cnpq.br/4432857212289289</a>). E-mail: FRANCISCOOCTAVIO@hotmail.com.br.



## Introdução

A pesquisa<sup>2</sup> a qual essa nota está ligada tem como uma de suas metas encontrar as percepções ecológicas de José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898) dentro de um movimento histórico dinâmico e variado de formas de pensar, projetar e interagir com o meio ambiente<sup>3</sup> no final século XIX.

Natural da Província de Minas Gerais, membro do quadro político-administrativo e militar do Império do Brasil, Couto de Magalhães bacharelouse na Faculdade de Direito de São Paulo em 1859. Ao longo da década de 1860, foi presidente das províncias de Goiás, Pará e Mato Grosso. Se destacou como comandante do exército na Guerra do Paraguai. Atuou também como diretor, empresário, naturalista, etnólogo e sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Ligado ao Visconde de Ouro Preto, o último cargo político que exerceu foi o de Presidente da Província de São Paulo já em 1889. Couto de Magalhães foi um militar interessado na nascente etnografia brasileira, o que o levou a realizar viagens pelo interior do país documentando vida e costumes indígenas<sup>4</sup>. Tendo publicado por quatro décadas (1860-1890), não é difícil notar nas obras do autor mudanças de enfoque e opinião sobre os assuntos tratados, entretanto sempre mantendo a discussão sobre o meio ambiente e os indígenas com alguma centralidade, como veremos nessa nota de pesquisa.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> A pesquisa "A bacia do Tocantins-Araguaia: natureza, região e devastação ambiental entre os séculos XVIII e XX" em andamento (2020-2021), coordenada pelo professor José Inaldo Chaves Jr., do Departamento de História da Universidade de Brasília (UnB), detêm o plano de trabalho "A prosperidade depende do rio: o Tocantins-Araguaia na obra de Couto de Magalhães (século XIX)" que orienta essa nota de pesquisa.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> FRANCO, José Luiz de Andrade; SILVA, Sandro Dutra e; DRUMMOND, José Augusto; TAVARES, Giovana Galvão (org.). *História Ambiental: fronteiras, recursos* e conservação. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2012. P. 21-23.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> TURIN, Rodrigo. O "selvagem" entre dois tempos: a escrita etnográfica de Couto de Magalhães. VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, vol.28, no 48, p.781-803: jul/dez 2012.; MACHADO, Maria Helena P. T.. Um Mitógrafo no Império: a construção dos mitos da história nacionalista do século XIX. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 25, p. 63-80, 2000. Além de Machado e Turin, destacam-se como pesquisadores de Couto de Magalhães: Márcio Couto Henrique, João Marcelo Maia e Lúcio Ferreira. Apesar de não haver menção direta a esses autores nesse texto, não se discute Couto de Magalhães sem conhecer o trabalho que produziram.



O objetivo desse escrito é analisar a obra "7ª Conferencia para o Tricentenario de Anchieta: assumpto: Anchieta, as raças e linguas indigenas" (1897) de Couto de Magalhães. Pretende-se mapear<sup>5</sup> as percepções ecológicas que por anos passaram em branco na historiografia brasileira, exceto por menções pontuais, seguindo a linha inaugurada pela obra "Um Sopro de Destruição" (2002).

O texto data de março de 1897, editado pela Typographia a vapor Carlos Gerke & Cia, fez parte do ciclo de comemorações do tricentenário do padre José de Anchieta, que reuniu em São Paulo alguns letrados a fim de discutir o legado de Anchieta e dos jesuítas para o pensamento histórico brasileiro. Além de Couto de Magalhães, que publicou, mas não pronunciou sua conferência, o evento contou ainda com a presença de Eduardo Prado, Joaquim Nabuco, Brasílio Machado, Francisco de Paula Rodrigues, Theodoro Sampaio, Padre Américo de Novaes, João Monteiro, Manoel Vicente da Silva. Houve planejamento para a participação de Rui Barbosa, Antonio Ferreira Vianna e de Capistrano de Abreu, mas estiveram ausentes. A conferência de Couto de Magalhães, objeto desse texto, foi consultada on-line<sup>6</sup> no acervo da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin.

#### Pindorama é o nome americano do Brazil

"7ª Conferencia para o Tricentenario de Anchieta: assumpto: anchieta, as raças e linguas indigenas" (1897) foi escrita já no final da vida de Couto de Magalhães. Os anos da república no século XIX foram marcados por projetos de modernização e discussão sobre a nacionalidade brasileira. O romantismo,

<sup>5</sup> Pela proposta de crítica histórica de Antonie Prost (2008). Resumidamente, Prost propôs observar a coerência da fonte e a compatibilidade entre data e fatos, confrontando o

<sup>6</sup>Disponível no link <u>https://www.bbm.usp.br/pt-br/search/?q=Magalh%C3%A3es,%20Jos%C3%A9%20Vieira%20Couto%20de,%201837-1898</u>. Consultado entre março e outubro de 2020.

observar a coerencia da fonte e a compatibilidade entre data e fatos, controntando o documento em análise com a literatura existente sobre o período.



constante nas percepções ecológicas desse século, se via submergido pelos grandes projetos modernizantes. O positivismo marcava as ideias da elite intelectual do período, tendo a ciência como solução para os problemas do país. O nativismo havia perdido muita força com as ideias de igualdade inauguradas pela república, tanto é que nos censos demográficos houve um apagão de dados sobre povos indígenas<sup>7</sup>. As raízes do novo pensamento social eram europeias, movidas por teorias deterministas, legadas da interpretação errônea da obra de Darwin (1809-1882). As narrativas sobre "raça" tinham bastante espaço nos círculos letrados, alimentando o higienismo social nas capitais. Na Rua do Ouvidor, além das novidades da Europa, circulavam os mosquitos transmissores de febre amarela e o vírus da varíola. É o período de Nina Rodrigues (1862-1906) e a patologização do crime, João Batista de Lacerda (1846-1915) e a teorização do branqueamento<sup>8</sup>.

É esse o cenário de lançamento da obra do general. Trata-se de um texto curto, composto por 12 capítulos e 1 mapa. Apesar de Couto de Magalhães assinar a parte textual sozinho, a organização e o mapa são assinados também por Theodoro Sampaio (1855-1937). Filho de escravizada do engenho Canabrava, Theodoro Fernandes Sampaio, nascido na Bahia, diplomou-se engenheiro civil em 1876. Ministrou aulas de matemática, geografia, português, história, latim e filosofia. Foi desenhista no Museu Nacional. Integrou a Comissão Hidráulica, que tinha como objetivo o estudo dos portos e da navegação interior dos rios do Brasil. Participou da Comissão de Melhoramentos do Rio São Francisco e foi chefe do Departamento de Águas e Esgotos de São Paulo. Projetou prédios, represas e cidades pelo país. Recebeu vários prêmios internacionais, presidiu o V Congresso Brasileiro de Geografia, se elegeu deputado federal. Foi sócio do Instituto Histórico e

\_

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Não que antes os dados fossem precisos, mas eram ao menos distinguidos. Aos interessados ver OLIVEIRA, João Pacheco de. Mensurando Alteridades, Estabelecendo Direitos: Práticas e Saberes Governamentais na Criação de Fronteiras Étnica. 2012. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 55, no 4, pp. 1055 a 1088.

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.12-71.



Geográfico Brasileiro e de institutos regionais entrando para a história como intelectual brasileiro de respeito<sup>9</sup>.

Encontrar essa dupla assinando uma obra no período é uma questão notável. Couto de Magalhães dedicou-se por muitos anos aos estudos sobre indígenas, idealizando vários projetos de integração dos nativos na sociedade, apesar de algumas contradições de obras anteriores ao tentar equilibrar evolucionismo e nativismo. O autor oitocentista esteve no auge da fama nos anos 70, quando escreveu "O Selvagem" (1876) por encomenda do próprio imperador para a Exposição Universal de Philadelphia, obra que continha muitas ideias similares as que encontramos no texto que estamos analisando. No entanto, o tom das críticas a colonização era mais ameno, marca de uma postura conciliadora que Magalhães manteve por boa parte de sua vida<sup>10</sup>. Na maioria de seus escritos, o general denunciava a exploração dos indígenas e pregava que os colonos tinham muito a aprender com os povos nativos, principalmente quanto ao uso de recursos ambientais<sup>11</sup>. Theodoro Sampaio, um engenheiro de cor no período das ciências orientadas por uma cosmologia evolucionista de hierarquização racial, entrava aqui para os estudos do pensamento social brasileiro – o que será consolidado com publicações posteriores – dialogando com um nativista. O que esperar da obra em análise senão duras críticas a elite intelectual do período?

Além de Theodoro Sampaio, Couto de Magalhães e José de Anchieta – explorado mais adiante – outro nome aparece na capa. Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), autor de "Viagem pelo Brasil", publicado em 1823 e

<sup>9</sup> COSTA, Luiz Augusto Maia. O ideário urbano paulista na virada do século – o engenheiro Teodoro Sampaio. SP, Ed. Rima, 2003. p. 43-100; ALBUQUERQUE, Wlamyra. "Teodoro Sampaio e Rui Barbosa no tabuleiro da política: estratégias e alianças de homens de cor (1880-1919)". Revista Brasileira de História, 2015, v. 35, n.69, p.83-99.

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> ALBUQUERQUE, Wlamyra. Teodoro Sampaio e Rui Barbosa no tabuleiro da política: estratégias e alianças de homens de cor (1880-1919). Revista Brasileira de História, 2015, v. 35, n.69, p.83-99.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> MAGALHÃES, José Vieira Couto de. *Viagem ao Araguaia*. 7°ed. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1975 [1863].; MAGALHÃES, José Vieira Couto de. *Relatório dos negócios da província do Pará*. Typ. de Frederico Rhossard. 1864.; MAGALHÃES, José Vieira Couto de. O *Selvagem*. Rio de Janeiro: Typ. da Reforma, 1876.



"Flora Brasiliensis" (Flora Brasileira), de 1840, dedicadas à flora brasileira e a estudos etnográficos dos povos indígenas, sendo essa segunda de grande influência para "7ª Conferencia para o Tricentenario de Anchieta: assumpto: Anchieta, as raças e linguas indigenas" (1897). As obras de Carl Friedrich Philipp von Martius inauguraram uma nova perspectiva para observar o meio ambiente brasileiro, antes visto pelo estereotipo selvagem. Os contornos da observação abandonaram em parte o "exotismo" para aspirar ares científicos, mas seguiu com o aspecto mítico para fins comparativos. "Flora Brasiliensis" (1840) tratava das relações ambientais como um todo, atentando-se a populações nativas, animais, plantas, clima, solo etc. Além de documentar os aspectos físicos, a obra narra mitos e histórias dos locais retratados, flutuando por vezes entre realidade e ficção. Observações que podem ser estendidas a outras obras de Couto de Magalhães. Nesse sentido, não surpreende que von Martius seja fonte dos nossos autores.

Enfim, chegamos a José de Anchieta (1534 - 1597). Por que comemorar o tricentenário do "apóstolo do Brasil"? Hoje, Anchieta é criticado pelo aspecto violento de seus escritos que demonizaram os indígenas e embasaram por séculos a "guerra justa". Porém, para Couto de Magalhães, José de Anchieta era uma inspiração e o modelo de catequese jesuíta era o único com resultados positivos sem que os indígenas fossem "degenerados" 12. A catequese teria que ocorrer na língua dos indígenas, o catequista teria de conhecer profundamente os povos aos quais ensinava para poder reinterpretar os mitos e aprendizados nativos pelo prisma religioso 13. Nesse sentido, José de Anchieta era um referencial para as políticas integracionistas de Couto de Magalhães. Comemorar seu tricentenário pode ser considerado um ato de resistência aos rumos intelectuais que a elite brasileira republicana

٠

 <sup>&</sup>lt;sup>12</sup> MAGALHÃES, José Vieira Couto de. O Selvagem. Rio de Janeiro: Typ. da Reforma, 1876.
<sup>13</sup> MAGALHÃES, José Vieira Couto de. Viagem ao Araguaia. 7°ed. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1975 [1863].; MAGALHÃES, José Vieira Couto de. O Selvagem. Rio de Janeiro: Typ. da Reforma, 1876.



vinha seguindo. Hipótese que fica ainda mais provável ao observarmos a divisão dos capítulos do texto em análise.

"Pindorama é o nome americano do Brazil", "Raças que habitavam Pindorama (Brazil) em 1587", "Aborígenes das costas no Pindorama (Brazil) em 1587". Referir-se ao Brasil com o "nome nativo americano" pode ser lido como uma forma de falar do território como patrimônio nacional legado dos indígenas que vinham sendo desprezados e assassinados. Isso fica evidente em passagens como: "foram eles [os indígenas] os donos e senhores do solo que nos possuímos, e uma das origens da raça que hoje domina o Brasil; são os verdadeiros brasileiros, os verdadeiros paulistas" (p.11) ou "Não eram inimigos, antes eram amigos leais dos brancos que lhes tomavam as terras e que posteriormente os escravizavam" (p.14). Há que se destacar que Magalhães emprega "americano" quase sempre como sinônimo de "ancestral", "indígena" ou de "brasileiro" (já no fim do texto). O autor não estava preocupado com o continente americano 14, mas sim com o Brasil, se afastando da construção de uma identidade americana ou latino-americana como fora objetivo, por exemplo, de José Márti.

Em "Anchieta, rezas e danças populares de S. Paulo proveniente dos índios", o padre jesuíta foi representado como um guardião desse patrimônio imaterial legado dos povos que constituíram a base americana da nacionalidade brasileira. O mapa que acompanha a obra – mapa de "Pindorama" com as regiões ocupadas por nativos americanos antes da chegada dos colonizadores e os antigos nomes de rios e lugares – por essa perspectiva, torna-se um lembrete de que a terra ocupada foi concedida por ancestrais que não poderiam ser menosprezados. Essa interpretação é reforçada por trechos como: "muitos elementos para estudar [...] nossas origens americanas, em geral ignoradas entre nos, por que, apesar de sermos americanos e não europeus, ignoramos mais nossas origens da América do

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> E podemos inclusive podemos nos perguntar sobre os problemas de enxergar o Brasil como América, excluindo os demais países americanos.



que as da Europa ou África" (MAGALHÃES, 1897, p.6) ou ainda "quase desaparecerão as tribos heroicas dos aborígenes, senhores dela; a América está sepultada debaixo do guante civilizador, mas egoísta, da Europa, e são hoje raros os brasileiros que estudam e conhecem suas origens americanas" (MAGALHÃES, 1897, p.4). É válido destacar que quando Magalhães fala de estudar e conhecer as origens americanas, não se tratava apenas do sujeito indígena. Observando a carreira do autor e mesmo a escrita da obra em analise, é notável que as origens estavam também nas plantas utilizadas, nas técnicas do corpo e na forma de uso e ocupação do meio ambiente.

Ao menos desde 1840, havia no IHGB um movimento que via nos primeiros jesuítas um modelo de como modo de incluir os indígenas na História Brasileira 15. Magalhães fora adepto dessas ideias. Entretanto, não sei se Couto de Magalhães chegou a ler profundamente as obras do padre jesuíta, mas em "De Gestis Mendi de Saa", impresso em 1563, o paralelo entre cruzadas europeias e genocídio indígena como fatos com o mesmo fim evangelizador e a atribuição de bestialidade desprovida de significado aos ritos antropófagos dos nativos com certeza não colaboraram para uma atitude respeitosa dos colonos diante dos indígenas. Pelo contrário, como já foi dito, são esses paralelos que sustentaram a "guerra justa" por séculos. O mais interessante é que o antigo presidente de província fez críticas consistentes a essa visão que esvazia de sentido cosmológico os rituais de antropofagia, condenando a continuidade da perseguição aos indígenas:

Ha um tópico porem em que as julgo inexactas e é o em que afirmão que os tupis, e outros aborígenes do Brazil, erão antropophagos, isto é, que se sustentavão com carne humana, e que a tinhão como alimento. A raça branca, conquistando a America, tinha interesse em escravisar seos habitantes, e assim o fez. Tempo houve em que, só ao redor de S. Paulo e em S. Paulo, existião mais de sessenta mil indios escravos! Sessenta mil indios escravos, para uma população branca ou de mestiços que, provavelmente, não excedia a quatro mil! Para justificar não só a tyrannia da escravidão, como o habito de surral-os até a morte, como o fazião, foi necessário, a principio sustentar que

<sup>&</sup>lt;sup>15</sup> TURIN, Rodrigo. Tessituras do tempo: discurso etnográfico e historicidade no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013.

# hydra

elles não erão homens, até que uma bulla do pontífice, no anno de 1537 que começa: Paulus Papa tercius, universis Christi fidelibus etc. (1) os declarou homens, e como taes senhores de suas vidas e liberdade; antes disto porem, muito e muito soflrerão, e ainda soffrem hoje; nos sertões de S. Paulo, Guayaz, Matto Grosso, Pará e Amazonas, ainda são mortos como animaes selvagens. Infelizmente elles não tem nem imprensa, nem escriptores, e nem lettras, e seos sofrimentos são desconhecidos pela raça branca, que os vae roubando e extinguindo ao longo de território de nossa pátria (MAGALHÃES, 1897, p.16).

Essa crítica escapou aos outros escritos do general. Com ela Magalhães abria espaço para a construção da imagem do indígena como um guerreiro por necessidade, que resistiu a espanhóis, a portugueses e aos indígenas que se aliaram aos europeus, se extinguindo aos poucos (MAGALHÃES, 1897, p.17). Assim, a antropofagia ganhava alguma justificação ante a cosmologia europeia, caracterizando o ato de ingerir carne humana não como rotina de alimentação ou expressão de bestialidade, mas como ritual, como vingança:

E' certo que algumas das tribus matão os prisioneiros que capturão nas guerras, e que comem suas carnes. Fazem-no porem por vingança, e não como alimento, e tanto assim que, antes de matar um prisioneiro, dirigem convites para todas as aldeas com que estão em relação; reunem-se, ás vezes, quatro a seis mil indios para comer um só homem. Ora, suppondo que um homem, na media, tenha cincoenta kilos de carne, afora ossos e líquidos, dividido por seis mil, dá menos de uma grama para cada um, ou menos da quarta parte de uma oitava (MAGALHÃES, 1897, p.17).

Fugindo da armadilha do anacronismo em questionar o porquê da ausência de uma crítica contemporânea em escritos centenários, parece que o legado de Anchieta para o general residia no modelo ideal de catequese e não nos escritos do padre.



### Eu sou brazileiro, com orgulho

Enquanto os intelectuais brasileiros do período desenhavam projetos de melhoramento da população através do branqueamento 16, Couto de Magalhães falava de uma dívida com as "origens americanas". Porém, o apagamento do indígena incomodava mais que o racismo herdado do escravismo. O general enxergava ênfase demasiada da elite acadêmica tanto nos europeus quanto nos africanos. Contudo, as críticas que ele constrói ao longo do texto são voltadas a valorização do europeu, o que condiz com os rumos que a intelectualidade seguia:

O orgulho dos ricos, que só lêem por livros francezes, que vestem-se, alimentão-se, divertem-se, e em tudo imitão e macaqueão a raça mais adiantada do Velho Mundo, faz com que elles sejão mais europeos, do que americanos e brasileiros; despresão tudo quanto é americano, procuram mesmo apagar lingua, nomes próprios, alimentos, crenças e costumes do continente de onde somos filhos (MAGALHÃES, 1897, p.21).

Ignoro qual a razão por que os brazileiros despresão tudo quanto é nacional e so estímão o que é francez, sobre tudo o que é banal, frivolo e palavroso nessa nação. E' innegavel que o estrangeiro olha, em geral, com desdém para o Brazileiro, e nisso imita o brazileiro, que é o primeiro a não orgulhar-se de sua nacionalidade [...] Possa o centenário de Anchieta fazer com que o brazileiro respeite, honre, desenvolva e eduque suas origens americanas, [...]; então, o filho desta terra, em vez de querer passar por francez ou por europeo, dirá: eu sou Brazileiro, com [...] orgulho [...] (MAGALHÃES, 1897, p.31-32).

Com esse ataque ao que é francês, que suponho estar relacionado ao positivismo, Couto de Magalhães defendia uma outra construção de nacionalidade que valorizasse mais o "continente de onde somos filhos", no aspecto humano (indígena) e também ambiental. Entretanto, não é possível desprezar que o general era influenciado pelo evolucionismo do período, o que fica claro em trechos como:

REVISTA HYDRA VOLUME 5. NÚMERO 9. ABRIL DE 2021

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> Couto de Magalhães, em "O Selvagem" (1876), havia feito a defesa da miscigenação de brancos e indígenas. Para o autor, com a miscigenação, a "raça branca" acabaria por predominar sobre as demais, fazendo com que o negro e o indígena desaparecessem com o tempo. Aqui a postura muda.

# hydra

Nas solidões do Araguaya, Coinamá, velho chefe Ananbé, muitas vezes me contava que, quando seos avós emigravão das altas montanhas, provavelmente dos planaltos dos Andes onde o sol morre, para as terras plainas, onde o sol nasce, os chefes, os tuchawas como elles os chamão, dias antes da partida, á hora do toque das businas, passavão diante das casas dos guerreiros, dizendo-lhes este famoso grito de guerra para a conquista do Brasil: « Yá só Pindorama koti, itamarána po anhantin, yara- « rama ae reeê».— «Marchemos para a Região das Palmeiras (Brazil), com a acha d'armas na ponta da mão, seremos senhores do Brazil. Isto confirma a opinião de Martius, isto é: que os aborígenes do Brazil vierão dos planaltos do Andes, e conquistarão a grande região já descripta anteriormente, e occupada por outras raças, ou mais fracas ou mais atrasadas (MAGALHÃES, 1897, p.15).

A raça humana, que actualmente habita o Brasil, é descendente de três troncos: dous do velho Mundo o branco da Europa, o preto da África, e o vermelho da America. Nos não somos pois nem europeos e nem africanos. No collossal cadinho da America do Sul já se fundirão, e continuão a fundir-se, os sangues das três raças, produzindo uma americana, a brasileira, que ha de ses forte e poderosa, como a raça yankee da America do Norte; essa também não é europea nem africana, e sim americana; a nossa ha-de ser grande e poderosa, por que é intelligente, forte, sóbria, laboriosa e pacifica, e por que o território de nosso paiz, com uma só lingua e uma só religião, pode conter, segundo os cálculos de Elisée Reclus, mais de tresentos milhões de habitantes (MAGALHÃES, 1897, p.20).

Se, em "O Selvagem" (1876), Magalhães defendia a miscigenação entre brancos e indígenas, aqui ela aparece como dada. E, contrariando escritos anteriores, a "raça vermelha" não parece ter desaparecido com a miscigenação. Partindo da vitória sobre "raças ou mais fracas ou mais atrasadas" o general engendra o discurso da união das raças, que anos mais tarde será amplamente defendido. Nesse sentido, Couto de Magalhães adotou uma postura de valorização dos componentes culturais e ambientais nos quais ele enxergou fatores de unificação, sendo exemplo deles (1) a alimentação: o autor afirma que a base da alimentação do brasileiro é a mandioca, do brasileiro "selvagem" e do "civilizado", menos dos que querem passar por europeus, por que esses só comem pão. Observação similar é feita sobre a aguardente de cana, de mandioca ou de milho; (2) as técnicas do corpo: o brasileiro luta com a faca e com a agilidade do corpo, tendo neste caso, por única arma a cabeça e os pés, arma terrível para um "bom



capoeira". Segue uma defesa da adoção desse tipo de luta nas escolas militares e um clamor pelo fim da perseguição dos praticantes desse tipo de arte marcial, outra crítica que fugiu aos escritos anteriores do general; (3) a musicalidade e as danças: a música dos cantos indígenas, preservada pelos nossos "caipiras" seria, para o autor, "de uma beleza e melancolia tão profunda que desperta na alma a mesma sensação que a afeta quando percorremos" as paisagens naturais, descritas a seguir; - (4) o meio ambiente – "as solidões silenciosas de nossas florestas, ou as campinas imensas do interior, cheias de cachoeiras alvas, e semeadas de capões de mata, cobertos de palmeiras". Em conclusão: "somos, não europeus ou africanos, e sim americanos, pelo sangue, inteligência, moralidade, língua, superstições, alimento, danças e luta" (MAGALHÃES, 1897, p.22-30).

O meio ambiente é sutilmente abordado nessa obra. Couto de Magalhães não estava tão preocupado com as potencialidades ambientais brasileiras aqui como em outros escritos<sup>17</sup>. Apesar disso, é possível notar a construção utilitarista e antropocêntrica como fio condutor da narrativa que margeia as relações ecológicas, como no caso da alimentação. A mandioca é tida como um componente dessa nacionalidade pela qual o general advogava. A raiz seria um fator de unificação e identificação do brasileiro.

Com base em outras obras<sup>18</sup>, onde o autor reforça que temos que aprender com os costumes indígenas a lidar com o meio ambiente, e pensando o texto em análise como um tipo de homenagem aos nativos, é possível concluir que Couto de Magalhães estava preocupado com os rumos que a modernização tomava no Brasil, marchando em ritmo acelerado por terras indígenas e corroborando para o apagamento desses povos. A

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> MAGALHÃES, José Vieira Couto de. *Viagem ao Araguaia*. 7°ed. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1975 [1863].; MAGALHÃES, José Vieira Couto de. *Relatório dos negócios da província do Pará*. Typ. de Frederico Rhossard. 1864.

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> MAGALHÃES, José Vieira Couto de. Viagem ao Araguaia. 7°ed. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1975 [1863].; MAGALHÃES, José Vieira Couto de. *Relatório dos negócios da província do Pará*. Typ. de Frederico Rhossard. 1864.



melancolia da lembrança das florestas e campinas reflete justamente essa ideia.

O meio ambiente aparece como um fator de identificação brasileira e integração, com capacidade de aglutinar o que o general sustenta como projeto de nacionalidade e é, simultaneamente, uma dádiva herdada dos nativos americanos. O mapa simboliza a ideia de que a terra, os rios e os lugares existiam antes dos colonos e, já que ocuparam esse território, são também americanos com responsabilidade sobre o espaço que ocupam. É possível notar com clareza uma mudança no tom das críticas que o general realizou com o passar das décadas, sendo mais radical ao denunciar o genocídio indígena na república. Fato que não deixa de ser oportuno, posto que não havia mais uma ligação com a autoridade imperial. Interpretar a obra fora de seu contexto histórico pode transmitir ao leitor uma profunda contradição sobre o pensamento de Couto de Magalhães.

Se em "O Selvagem" (1876), obra encomendada pelo próprio imperador, Couto de Magalhães advogava abertamente por uma mistura de raças – especificamente entre o branco e o indígena – e via os conflitos praticamente como um mal necessário para a sobrevivência e o desenvolvimento do colono no "sertão", assumindo que a "raça vermelha" desapareceria com o passar dos anos; na conferência sobre Anchieta, já no contexto da Primeira República, o general abandona o clima ameno da crítica feita a colonização em obras anteriores para denunciar o desprezo e a perseguição brutal aos nativos, atribuindo aos colonos o desaparecimento dos indígenas. A "mistura" já não era mais uma via de sobrevivência<sup>19</sup>. Magalhães advogou por algo similar ao que hoje conhecemos por "etnologia das perdas", que valorizasse o legado indígena que ainda resistia, apesar de muitos brasileiros não o enxergarem. E é nessa mesma linha que muitos autores do pensamento brasileiro irão escrever suas obras no século XX.

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos 'índios misturados'? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. Revista Mana, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 1998.



#### Conclusão

Muitas das afirmações feitas aqui são recuperadas posteriormente por diversos autores, como Mário de Andrade (1893-1945), Gilberto Freyre (1900-1987) e Darcy Ribeiro (1922-1997), nas tentativas de unificação de uma nacionalidade brasileira que não fosse racista e não apagasse seu passado europeu. Até mesmo o sertanejo de Euclides da Cunha (1866-1909), amigo próximo de Theodoro Sampaio, se vê no caboclo de Couto de Magalhães:

O caboclo (aliaz cariboco) que é [...] o verdadeiro brazileiro, que vive quase sem terras, enchotado para os logares mais insalubres ou mais estéreis, victima constante do recrutamento, sem direito até de ter filhos, por que, como grande parte delles não é casada, há juizes de direito, que reduzem a escravidão esses filhos, dando-os de soldada aos ricos, até a doze mil reis por anno, são conservados sujos, mal alimentados, sem aprender a ler nem escrever, no entretanto, quando foram levados ao Paraguay, souberão alli morrer pela liberdade do povo que seus maiores quizerão escravisar (MAGALHÃES, 1897, p.32).

Fato é que ao menos Freyre se alimentou diretamente dos textos de Theodoro Sampaio, tecendo inúmeros elogios ao engenheiro e sua obra<sup>20</sup>. Cabe investigar se Sampaio, além da continuidade dos estudos sobre Anchieta, que pode ser percebida no texto "São Paulo nos tempos de Anchieta" (1897), compartilhou com Couto de Magalhães a ideia de nacionalidade brasileira e com qual grau de aproximação.

Outro caminho é buscar mais intelectuais que compuseram essa frente de resistência aos ideais da primeira república durante a primeira república, e qual a visibilidade que conquistaram. A obra que acabamos de analisar parece não ter tido grande repercussão, sendo difícil até mesmo encontrar trabalhos que a utilizem como fonte primária. A crítica histórica mostra que há coerência entre as pessoas, o período e o que estava contido na obra. Entretanto, essa obra sem o complemento dos demais textos de Couto de

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> FREYRE, Gilberto. O Centenário de Theodoro Sampaio. In: Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, V. 79, 1955.



Magalhães é pouco significativa no mapeamento das percepções ecológicas do período, mas sugere uma ligação da nacionalidade ao meio ambiente<sup>21</sup>, como sendo o segundo um fator de unificação herdado dos nativos americanos. A interpretação do meio ambiente como uma herança dos povos indígenas é uma novidade nos estudos da pesquisa e indica novas reflexões sobre a percepção ecológica que Couto de Magalhães construiu em sua vida.

### **REFERÊNCIAS**

### Fontes primárias

ANCHIETA, José de. De gestis Mendi de Saa: Poema dos feitos de Mem de Sá. 1563. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000146.pdf. Consultado em setembro de 2020.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. 7ª Conferencia para o Tricentenario de Anchieta: assumpto: Anchieta, as raças e linguas indigenas. São Paulo: Typographia A Vapor Carlos Gerke & Cia, 1897. Disponível em: https://www.bbm.usp.br/pt-br/. Consultado em setembro de 2020.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. *Viagem ao Araguaia*. 7°ed. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1975 [1863]. Disponível em: https://www.bbm.usp.br/pt-br/. Consultado em setembro de 2020.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. *Relatório dos negócios da província do Pará*. Typ. de Frederico Rhossard. 1864. Disponível em: https://www.bbm.usp.br/pt-br/. Consultado em setembro de 2020. Disponível em: https://www.bbm.usp.br/pt-br/. Consultado em setembro de 2020.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. O *Selvagem*. Rio de Janeiro: Typ. da Reforma, 1876. Disponível em: https://www.bbm.usp.br/pt-br/. Consultado em setembro de 2020.

### Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Wlamyra. Teodoro Sampaio e Rui Barbosa no tabuleiro da política: estratégias e alianças de homens de cor (1880-1919). Revista Brasileira de História, 2015, v. 35, n.69, p.83-99.

<sup>&</sup>lt;sup>21</sup> Ao observar o histórico de escritos de Couto de Magalhães, é percebível que o autor formula uma crítica a inesgotabilidade do meio ambiente contida na ideia de "berço esplendido". Para o general, o Brasil tinha o meio ambiente como potência, mas era preciso aprender a cuidar e trabalhar os recursos, garantindo que fossem preservados para as próximas gerações. É nesse sentido que ele advogou pelo aprendizado com os povos indígenas, que, segundo o autor, conviveram com o meio ambiente por anos sem devastalo. Esse é um assunto mais presente em "Viagem ao Araguaia" (1863).



COSTA, Luiz Augusto Maia. O ideário urbano paulista na virada do século – o engenheiro Teodoro Sampaio. SP, Ed. Rima, 2003.

FRANCO, José Luiz de Andrade; SILVA, Sandro Dutra e; DRUMMOND, José Augusto; TAVARES, Giovana Galvão (org.). História Ambiental: fronteiras, recursos e conservação. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2012.

MACHADO, Maria H. P. T.. Um Mitógrafo no Império: a construção dos mitos da história nacionalista do século XIX. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 25, p. 63-80, 2000.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos 'índios misturados'? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. Revista Mana, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 1998. PÁDUA, José A. *Um Sopro de Destruição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002 PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história* [tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira]. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TURIN, Rodrigo. O "selvagem" entre dois tempos: a escrita etnográfica de Couto de Magalhães. VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, v.28, no 48, p.781-803: jul/dez 2012.

TURIN, Rodrigo. Tessituras do tempo: discurso etnográfico e historicidade no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013.

Artigo recebido em 14/10/2020 e aprovado em 10/02/2021.